

ACTIVIDADES DO MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

O Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia tem vindo a atravessar, desde 1974, uma fase de reestruturação em que a sua atenção se tem concentrado sobretudo nas colecções.

Compostas por largos milhares de espécies, algumas de elevado valor científico, como é do conhecimento geral, as referidas colecções têm sido reorganizadas.

Iniciou-se uma larga tarefa de inventariação de espécies, acompanhada do preenchimento de fichas conjuntas para cada estação e da respectiva arrumação por conceitos e por distritos.

Em Junho de 1976 o Museu encerrou ao público, a fim de serem efectuadas obras que se relacionam com problemas de segurança e de beneficiação do edifício, trabalho este a cargo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Contudo, a sua actividade nos campos cultural e científico manteve-se e não foram interrompidas as visitas de grupo acompanhadas, tanto no âmbito escolar como fora dele. Também os estudiosos, nacionais e estrangeiros, continuaram a ter acesso às colecções, quer directamente, quer por meio de consultas escritas.

Ainda no decurso de 1976 iniciou-se a remodelação da exposição, obedecendo a critérios de apresentação mais modernizados e tendo em vista uma orientação predominantemente didáctica e de divulgação.

A Conservadora

Maria Garcia Pereira Maia

REORGANIZAÇÃO DAS COLECÇÕES

I. Metodologia de recuperação

Em Maio de 1974 a signatária do presente relatório informou o Director do estado das colecções e de como isso se reflectia, por um lado, na exposição permanente — antipedagógica — e, por outro, no apoio à Educação e Cultura — inexistente. Apontei então as quatro principais causas que enuncio a seguir:

1. Espólios destróçados.
2. Centenas de milhares de peças por inventariar.
3. Desconhecimento das jazidas presentes no Museu, e conseqüente ignorância dos horizontes culturais por ele abarcados.
4. Cerâmicas, vidros, materiais orgânicos vários, metais, têxteis, papéis, em estado de deterioração avançada, carecendo, consoante os casos, de conservação, tratamento, restauro.

Propuz uma metodologia de recuperação como a única via susceptível para actualizar o Museu do ponto de vista científico e museológico, preparando-o para desempenhar o papel que a meu ver lhe cabe, o de grande museu didáctico da Arqueologia e da História em Portugal.

Tal recuperação deveria desenvolver-se em três fases:

1. *Inventário de estações*

- 1.1. Reagrupamento do espólio de cada jazida.
- 1.2. Limpeza / tratamento das peças.
- 1.3. Elaboração do inventário provisório de estações.
- 1.4. Arrumação topográfica.

2. *Rastreio de proveniências*

- 2.1. Pesquisa documental e bibliográfica sobre as referidas estações.
- 2.2. Triagem de material.
- 2.3. Cartografia das estações existentes no Museu.
- 2.4. Marcação das peças.
- 2.5. Inventário definitivo de estações.
- 2.6. Elaboração do catálogo bibliográfico didascálico de cada período.

3. *Inventário Geral e Catálogo Sistemático*

- 3.1. Preenchimento das fichas de Inventário Geral, o que implica:
 - a) Foto=Inventário fotográfico
 - b) Desenho=Arquivo de desenhos.
- 3.2. Elaboração do Catálogo Sistemático.

Semelhante programa implicava um prazo de três anos, pessoal especializado, verbas que permitissem sincronizar os diversos elementos de trabalho necessários, e pedia, sobretudo, muita coragem e determinação no seu cumprimento, arrostando com todas as críticas e adiamentos da *investigação* para a 3.^a fase, ressalvada no entanto uma excepção: a de qualquer tese, portuguesa ou estrangeira, ou trabalho equivalente, com valor decisivo para uma carreira científica.

O Ex.^{mo} Sr. Director do Museu acordou com tal programa, começando por definir competências como se pratica em todos os países onde se trabalha bem: em 10 de Maio de 1974 pediu autorização à Direcção-Geral dos Assuntos Culturais para mandar tratar as peças em perigo na Oficina do Museu Monográfico de Conímbriga, no Instituto de José de Figueiredo ou na câmara de expurgo da Biblioteca Nacional, respectivamente, autorização que foi concedida em 5 de Junho de 1974, sendo os contactos com os referidos organismos despachados à signatária, que a eles procedeu em 25 de Junho de 1974; pela ordem de serviço n.º 1, de 17 de Junho de 1974, surgiram os Departamentos de Pré-história, da competência da signatária, e o Departamento de Civilizações Clássicas Europeias, da competência da Conservadora Maria Adelaide Maia; Em 11 de Julho de 1974, em consequência de consulta prévia, deslocou-se ao M.N.A.E., em visita de peritagem, a Directora do Museu Monográfico de Conímbriga, Dr.^a Adília Alarcão, a quem foi confiada a orientação geral dos tratamentos a dar aos materiais de Arqueologia; a constituição de uma equipa especializada para a Pré-história foi autorizada em 31 de Julho de 1974; ficou acordado com a Biblioteca Nacional que o Legado Leite de Vasconcellos e outros papéis, como gravuras e documentos, dariam entrada na respectiva câmara de expurgo durante o Inverno — tarefa de que encarreguei a Bibliotecária-arquivista-documentalista daquele organismo Dr.^a Maria Antónia Saavedra Machado, antiga funcionária do Museu, a qual já em tempos se ocupara do assunto; em 28 de Outubro deram entrada em Conímbriga para início de tratamento, cobres e bronzes do Castro de Pragança, todo o esconderijo de fundidor do Casal dos Fiéis de Deus, e a espada da sepultura de Água Branca.

Para boa consecução do programa proposto, restam no entanto, por resolver, alguns melindrosos problemas:

- 1.º Estações em código das colecções Manuel Heleno — poucos dias após a sua posse mostrei ao Ex.^{mo} Sr. Director do Museu as vitrinas indiciadas por letras, de cujo conteúdo tudo se ignora; e disse-lhe também que, a não se recuperar a chave do código, assim como os cadernos de escavação, tais materiais eram inúteis do ponto de vista científico. Referi como o meu Colega Dr. João Saavedra Machado havia iniciado negociações com os herdeiros para devolução daqueles documentos, e sugeri que o assunto lhe fosse novamente entregue, com total liberdade de acção.
- 2.º Mobiliário da gruta e «tholos» do Escoural e Cabeça de Vaiamonte: um entendimento possibilitaria que o Museu recuperasse os dados indispensáveis à referência das peças.

II. Balanço dos trabalhos

Constituiu-se, como ficou dito, uma equipa de trabalho para a Pré-história, a qual foi composta pelo Arquitecto Manuel Gustavo Fernandes Marques, pelo estudante de Engenharia Joaquim Jorge Paulino Pereira, e pelo bacharel em História João Lugdero Marques Gonçalves, todos pré-historiadores, além da signatária.

Deu-se início à execução da 1.^a fase da reorganização das colecções deste Departamento, começando por separar dos portugueses os materiais estrangeiros. Assim se identificaram, dos seguintes países, as jazidas que se referem:

Listas das estações

ESPAÑHA

1. Alhama de Granada
2. Altamira
3. Ampúrias
4. Ballasteros, Ciudad Real
5. Balmori (Astúrias)
6. Cáceres
7. Castro de Santa Tecla
8. Cueva de Santillana, Santander
9. Dolmen de las Palomas, Zalameia (Huelva)
10. Dolmen de Toril, Zalameia (Huelva)
11. Cueva de Collubil
12. Cueva de la Franca (Astúrias)
13. Cueva de la Mujer, Granada
14. La Guardia (arredores)
15. Manzanares
16. Melgar de Abajo (Castela-a-Velha)
17. Mérida
18. Mina Costela (Badajoz)
19. Mina de Sotiel, Coronada, Cabaños (Huelva)
20. Numância
21. Placência
22. Termância

FRANÇA

1. Abbeville (Somme)
2. Abilly
3. Abrigo de Brouillard (Dordogne)
4. Arles
5. Avignon (Vaucluse)
6. Bacia do Sena
7. Beauquesne (Somme)
8. Beauregard (Marne)
9. Beauvais
10. Bleville (Havre)
11. Bois de Rocher (Côtes-du-Nord)
12. Boitrat, Oyes (Marne)
13. Breteuil (Oise)
14. Camp Barbay, Mony (Oise)
15. Camp de Patency (Oise)
16. Campigny (Seine Inférieur)
17. Charboutier (Charente)
18. Chassey (Saône-et-Loire)

19. Chènes (Amiens)
20. Cave aux Féés, Bruel (Seine-et-Oise)
21. Coetmieux (Côtes-du-Nord)
22. Corbières (Aube)
23. Courteonnet (Marne)
24. Couronnes (Bouches-du-Rhône)
25. Coussan (Vienne)
26. Couvron (Aisne)
27. Cramain (Côtes-du-Nord)
28. Deury
29. Dinan
30. Doigneau, Nimours (Seine-et-Marne)
31. Épiais (Loir-et-Cher)
32. Eure-et-Loir
33. Ferebrianges (Marne)
34. Fumerault (Yonne)
35. Gruta de Mouthron (Charente)
36. Galardan
37. La Couse Rouge (Marne)
38. La Balutie-Montignac (Dordogne)
39. La Chaume
40. La Claisière (Grand Pressigny)
41. La Ferrassie (Dordogne)
42. La Ferté
43. La Madeleine (Dordogne)
44. La Micoque (Dordogne)
45. La Quina (Charente)
46. La Vieille Andecy (Marne)
47. La Tabâterie (Dordogne)
48. Lamballe (Côtes-du-Nord)
49. Lanngray
50. Laugerie Basse (Dordogne)
51. Le Buisson (Marne)
52. Le Moustier (Dordogne)
53. Le Bois St. Père, Gohory
54. L'Épargne (Grand Pressigny)
55. Le Réclus (Marne)
56. Leigné-sur-Usseau (Vienne)
57. Les Escards (Seine Inférieur)
58. Les Eyzies-de-Tayac (Dordogne)
59. Les Lages-Vaudeurs (Yonne)
60. Les Roches-Sergeac (Dordogne)
61. Les Sièges (Yonne)
62. Lillenone
63. Loussel
64. Maure de Bretagne (Bretanha)
65. Menbroles (Loir-et-Cher)
66. Mesnil Bénard
67. Moisy (Loir-et-Cher)
68. Mont Joly (Calvados)
69. Moutières (Amiens)

70. Olendon (Calvados)
71. Omal
72. Ombret
73. Orange (Vaucluse)
74. Othé (Aube)
75. Otesmaux (Somme)
76. Pacy, Argeville (Eure)
77. Papeterie (Charente)
78. Pegon (Loir-et-Cher)
79. Pleboule (Côtes-du-Nord)
80. Plurien (Côtes-du-Nord)
81. Prunay
82. Surel
83. Saône-et-Loir
84. Saint Acheul (Amiens)
85. Saint Benoit-sur-Vanne (Aube)
86. Sainte Gertrude
87. Spiennes
88. Tongres
89. Tourinne
90. Tripluville (Loir-et-Cher)
91. Verdes (Loir-et-Cher)

BÉLGICA

1. Furfoor
2. Liège
3. Naumur
4. Rullen
5. Sainte Gertrude
6. Spy (Naumur)

SUIÇA

1. Bevaix
2. Corcelettes (Neuchâtel)
3. Lago de Bienne
4. Lago de Constança
5. Locras (Bienne)
6. Neuchâtel
7. Robenhausen

ALEMANHA

1. St. Mathias, Trier

HUNGRIA

sem proveniência

DINAMARCA

sem proveniência

SUÉCIA

sem proveniência

INGLATERRA

1. Suffolk
2. Southampton
3. Trillick (Tyrone)
4. Vale do Axe

IRLANDA

sem proveniência

Total dos países representados: 9

Total de sítios identificados: 131

**Total aproximado de materiais movi-
mentados: 4 000**

PORTUGAL

1. Abom (Rio Maior)
2. Açafora
3. Adaiões
4. Adro da Igreja Velha (Monte Real)
5. Alagada (Rio Maior)
6. Albergaria (Leiria)
7. Alcaidaria, Souto (Leiria)
8. Alcaduto de Vale Barcos (est. Pizões, Rio Maior)
9. Alcobertas (Rio Maior)
10. Alenquer
11. Alfragide
12. Almoster (Rio Maior)
13. Alto da Cabreira
14. Alto da Boa Vista (Lisboa)
15. Alto do Duque
16. Alto do Peixe (Paço d'Arcos)
17. Alto da Serafina (Lisboa)
18. Alverninha
19. Amadora
20. Amor (Leiria)
21. Areia do Mastro (Sesimbra)
22. Areias I (Caldas da Rainha)
23. Arneiro (Rio Maior)
24. Arronches
25. Arruda dos Pizões, Passal (Rio Maior)
26. Av. de Ceuta (Lisboa)
27. Av. Duarte Pacheco, a Sete Mo-
nhos (Lisboa)
28. Av. 24 de Janeiro (Monsanto)
29. Azinheira (Rio Maior)
30. Bairradas (Rio Maior)
31. Barbeito (Rio Maior)
32. Barraqueira (Monte Real)
33. Barreiros do Chainça
(Rio Maior)

34. Barroca (Leiria)
35. Boa Vista (Arruda dos Pizões, Rio Maior)
36. Boca
37. Bejo (Arruda dos Pizões, Rio Maior)
38. Bresmeiros (Caldas da Rainha)
39. Cabeço da Figueiroa, Vale Comprido (Rio Maior)
40. Cabeça Gorda, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
41. Cabeço da Moura (Monte Real)
42. Cabeço do Marco (Rio Maior)
43. Cabeço do Moinho de Vento, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
44. Cabeço de Santo Amaro (Rio Maior)
45. Cabeço de São Martinho (Rio Maior)
46. Cabeço do Vale do Rei, Gouçaria (Rio Maior)
47. Cabos Serieira (Rio Maior)
48. Cabouca do Quintão (Rio Maior)
49. Cagarata, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
50. Calçada da Broba(?) (Leiria)
51. Caldas da Rainha
52. Campolide
53. Carneira (Rio Maior)
54. Carrasqueira (Monte Real)
55. Carreço (Viana do Castelo)
56. Carreira do Rio (Monte Real)
57. Carris (Caldas da Rainha)
58. Casa (Leiria)
59. Casais da Azenha (Leiria)
60. Casais da Mornoria (Rio Maior)
61. Casais de Salir (Caldas da Rainha)
62. Casal Alegria, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
63. Casal da Alminha (Monte Real)
64. Casal do Arneiro, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
65. Casal do Calado (Rio Maior)
66. Casal do Felipe (Rio Maior)
67. Casal dos Fiéis de Deus
68. Casal da Fonte
69. Casal do Garoto
70. Casal de Marizes (Leiria)
71. Casal Memória (Rio Maior)
72. Casal do Monte
73. Casal do Murtal
74. Casal dos Palmeiros
75. Casal do Ricardo
76. Casal do Sá (Rio Maior)
77. Casal de Santo Adrião, Brejo (Rio Maior)
78. Casal de Santa Maria (Leiria)
79. Casal da Vila (Monte Real)
80. Casal do Viriato (Rio Maior)
81. Castelo, Laveiras
82. Cemitério (Oeiras)
83. Chã, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
84. Chã das Minas, Pintéus (Loures)
85. Charneca (Rio Maior)
86. Charneca do Meio (Rio Maior)
87. Chichareira (Rio Maior)
88. Clarinça (Rio Maior)
89. Corririnha (Leiria)
90. Cortes do Casal (Leiria)
91. Cova Oliveirinha (Rio Maior)
92. Covão (Monte Real)
93. Covão, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
94. C.U.F. (Caldas da Rainha)
95. Curral Velho (Rio Maior)
96. Elvas
97. Entrada do Campo (Monte Real)
98. Entroncamento das Quintas (Rio Maior)
99. Estrada Nova, Alfragide
100. Famalicão (Caldas da Rainha)
101. Fetal (Leiria)
102. Figueiras (Cadaval)
103. Figueiredos (Rio Maior)
104. Fonte Além (Monte Real)
105. Fontainhas, Paço d'Arcos
106. Fonte dos Cornos (Monte Real)
107. Fonte dos Correios (Leiria)
108. Fonte das Bairradas (Rio Maior)
109. Foro (Monte Real)
110. Forte das Maias (Oeiras)
111. Forte de Monsanto
112. Freixo dos Rios, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
113. Gândara (Leiria)
114. Gato Preto, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
115. Gouçaria (Rio Maior)
116. Goucha (Rio Maior)
117. Guia (Leiria)

118. Gruta da Quinta da Mata do Forno (Rio Maior)
119. G. Venâncio (Leiria)
120. Horta do Freixo (Rio Maior)
121. Jugadoiro (Rio Maior)
122. Lagoa (Monte Real)
123. Lameira, Várzeas (Leiria)
124. Lameiras Sul (Rio Maior)
125. Linda-a-Velha (Terraço sobranceiro)
126. Litoral (Leiria)
127. Lumiar
128. Marinha Arneiro (Rio Maior)
129. Marmeleira (Rio Maior)
130. Massamá, Olival
131. Matueira (Leiria)
132. Matueiras (Monte Real)
133. Milagres (Monte Real)
134. Milagres (Leiria)
135. Mina do Giz, Vale dos Porcos (Rio Maior)
136. Moinho de Barronhos
137. Moinho das Cruzes
138. Moinhos da Barosa (Leiria)
139. Moinhos do Cartaxo (?)
140. Moinhos da Galega
141. Moinhos da Revinheira
142. Monsanto
143. Monte Abraão
144. Morteira (Carapuço)
145. Negrita (Monte Real)
146. Norte da Ponte (Caldas da Rainha)
147. Nossa Senhora dos Aflitos (Lisboa)
148. Oiteiros (Leiria)
149. Olival do Arneiro (Rio Maior)
150. Olival do Passal (Rio Maior)
151. Outeiro do Arneiro, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
152. Outeiro da Pelada (Monte Real)
153. Ortigosa, Cemitério (Leiria)
154. Panasqueira (Rio Maior)
155. Paralva (Rio Maior)
156. Passal (Rio Maior)
157. Pataias (Caldas da Rainha)
158. Pau Torto, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
159. Paul (Rio Maior)
160. Pedra Negra (Sesimbra)
161. Pedregoso (Monte Real)
162. Peral, Casal do Emílio
163. Peralta (Monte Real)
164. Picacinos (Leiria)
165. Pizão, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
166. Poço dos Grelos (Monte Real)
167. Ponta do Cabedelo
168. Portela, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
169. Porto Oliveira, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
170. Porto Salvo (Oeiras)
171. Porto da Vala, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
172. Possilgais, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
173. Pousadas (Monte Real)
174. Pousio (Leiria)
175. Pragança
176. Praia da Aguda, Azenhas do Mar
177. Quatro Caminhos, Monsanto (Lisboa)
178. Queluz de Baixo
179. Quinta dos Afonsos
180. Quinta do Alecrim (Rio Maior)
181. Quinta da Barroca (Rio Maior)
182. Quinta do Cuvo, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
183. Quinta Freiria (Caldas da Rainha)
184. Quinta Nova (Rio Maior)
185. Quinta dos Pinhões (Monte Real)
186. Quinta dos Salregos
187. Quinta de St.^a Maria, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
188. Quinta da Mata (Rio Maior)
189. Quinta da Pena (Rio Maior)
190. Quinta do Pinheiro, Benedita (Rio Maior)
191. Quinta de São Paio (Rio Maior)
192. Quintal da Adega, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
193. Quintal da Fonte (Rio Maior)
194. Raposo, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
195. Reguengo do Fetal (Rio Maior)
196. Ribeira do Moinho (Rio Maior)
197. Rio Caia
198. Roliça (Rio Maior)
199. Salir do Porto:
Hortas
Apeadeiro
Caramujo (Caldas da Rainha)
200. Salgueiros (Leiria)
201. Santa Cruz
202. Santa Marta de Magoito

203. Santa Suzana (Rio Maior)
204. Santo Izidro (Caldas da Rainha)
205. Sarrada (Rio Maior)
206. Seixal, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
207. Senhora da Luz, Terra do Manuel (Rio Maior)
208. Serra da Matinha, Senhora da Luz (Rio Maior)
209. Serrado, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
210. Sesmaria (Leiria)
211. Sete Moinhos
212. Setúbal
213. Siborro (Rio Maior)
214. Sobreiral (Rio Maior)
215. Souto (Monte Real)
216. Souto, Fábrica Oca (Leiria)
217. Telheiro (Leiria)
218. Tera (Rio Maior)
219. Tercena
220. Tercenas (Monte Real)
221. Terra do José Moleiro, Vale Comprido (Rio Maior)
222. Terra do José Pereira, Vales da Senhora da Luz (Rio Maior)
223. Terra do Manuel Ribeiro, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
224. Terra do Manuel dos Vales, Senhora da Luz (Rio Maior)
225. Terras do Xavier, Senhora da Luz (Rio Maior)
226. Terreno do José Félix (Rio Maior)
227. Texugos (Caldas da Rainha)
228. Tufo, Vargem do Tufo (Rio Maior)
229. Vale (Monte Real)
230. Vale de Amarela (Rio Maior)
231. Vale Amieira (Rio Maior)
232. Vale do Arneiro, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
233. Vale Barcos (Rio Maior)
234. V. Carvalhos (Caldas da Rainha)
235. Vale Comprido (Rio Maior)
236. Vale da Fonte, Quintas (Rio Maior)
237. Vale Frazão, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
238. Vale do Grou (Rio Maior)
239. Vale das Hortas, Quintas (Rio Maior)

240. Vale da Mourata, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
241. Vale Murtinho (Rio Maior)
242. Vale Óbidos, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
243. Vale da Pata, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
244. Vale Portas (Rio Maior)
245. Vale da Rosa, Ribeira de São João (Rio Maior)
246. Vales da Senhora da Luz (Rio Maior)
247. Vale da Ponte (Rio Maior)
248. Vales, Terra do Manuel (Rio Maior)
249. Vale do Casal do Felipe (Rio Maior)
250. Vale Marinhas, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
251. Valinho, Arruda dos Pizões (Rio Maior)
252. Valongo (Monte Real)
253. Vascas (Rio Maior)
254. Vascas, Mina (Rio Maior)
255. Venda da Bairrada, Bairradas (Rio Maior)
256. Venteira
257. Via-Vai (Rio Maior)
258. Vermelha, Cadaval
259. Viana do Castelo
260. Vidigal, Raposeira (Leiria)
261. Vidigal, S. Pederneira (Leiria)
263. Vila Chã
264. Vila Pouca

Total de jazidas identificadas: 263

Total aproximado de peças manuseadas: 200 000

Totalidade de sítios identificados, logo, de espólios reunidos: 394

Totalidade aproximada de peças manuseadas: 204 000.

III. Bibliografia

Publicar-se-ão no próximo número os títulos adquiridos pelo Departamento.

A Conservadora

Maria Amélia Hortã Pereira

Relatório em Dezembro de 1975

I. Conservação e restauro

Da Oficina de Conservação do Museu Monográfico de Conímbriga foram recebidas, devidamente tratadas, as peças referidas no Relatório de 1974, provenientes respectivamente, do esconderijo de fundidor do Casal dos Fiéis de Deus, da sepultura de Água Branca, e do Castro de Pragança.

Transcreve-se o relatório a elas referente, assinado pela respectiva directora Dr.^a Adília Alarcão:

«Todas as peças foram limpas mecanicamente, com bisturi e jacto abrasivo de alumínio, e em seguida impregnadas no vácuo com Benzotriazol. A protecção final foi feita com Inscralac+Santocel 68.

A peça n.º 10 789, partida em 3 fragmentos, foi colada e restaurada com Five Minute Epoxy Resin e Devcon Bronze Putty ao nível do punho. A lâmina foi unida com solda de estanho e restaurada com Devcon Bronze Putty. Este mesmo produto foi utilizado para tapar os buracos feitos em tempos nesta e noutras peças para recolha de amostras. A coloração dos restauros fez-se com tinta vinílica (Lefranc & Bourgeois). A peça n.º 11 017 revelou-se forrada de prata. Dela foram feitas fotografias antes de iniciar os tratamentos a fim de ficarem registadas as marcas do encabamento e do tecido em que a peça foi envolvida antes de ser enterrada, marcas essas que se conservavam na pátina que foi removida.»

A peça n.º 11 017 é a adaga de Água Branca e tal relatório evidencia a importância do tratamento de achados antes da sua publicação.

II. Extensão cultural

Foram cedidas dezanove peças para uma exposição organizada no Convento dos Capuchos de Almada pelo respectivo Centro de Arqueologia.

III. Bibliografia

Requisitámos os volumes *Der Süden* da obra de Georg e Vera Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel.*, foram os mesmos oferecidos pela Presidência do Instituto Arqueológico Alemão.

A Conservadora

Maria Amélia Horta Pereira

Relatório em 31 de Maio de 1976

Laboratório

Em reunião efectuada em 19/5/76 com as técnicas responsáveis ficou acordado:

1. Cumprir o Programa de 26 de Julho de 1974.
2. Completar o tratamento de materiais de uma estação, antes de iniciar outra com excepção para os casos prioritários.
3. Que o Laboratório forneceria uma relação dos materiais da Secção de Pré-História em seu poder, não depositados pela Conservadora.

Assim e relativamente a metais, está em curso o tratamento de PRAGANÇA. Relativamente a cerâmica, de PALMELA.

Tendo sido localizado o vaso neolítico da Senhora da Luz, por imperativo de exposição, será este tratado e restaurado. Idem, com um vaso das Bocas.

Exposição

1. Inventário de vitrinas:

Com o fim de verificar existências, foi iniciado esse inventário em Janeiro do presente ano.

Foram verificadas as vitrinas 15, 42A, 49, 50, 58, 59 e 60.

2. Reorganização da exposição:

Tentando que esta seja cronológica e tão certa cientificamente quanto possível, estabeleci o seguinte plano:

PALEOLÍTICO: vitrinas centrais 44, 48, 47; vitrinas laterais 41, 42.

EPIPALEOLÍTICO: vitrina lateral 43.

NEOLÍTICO: vitrinas centrais 12, 41A, 42A (povoados); vitrinas laterais 45, 46 (sepulturas).

CALCOLÍTICO: vitrinas centrais 15, 43A, 51; vitrinas laterais 49, 50, 52, 55 (*tholoi* da Estremadura, *tholoi* da margem eq. do Tejo e Alentejo)

BRONZE

FERRO

Para cumprir este plano, verifiquei todavia, e no tocante ao Paleolítico, ser necessária aturada investigação, pois o material existente no Museu não está seriado nem estudado, estando misturadas milhares de peças de todas as épocas.

No tocante ao Epipaleolítico, material de concheiros, está o mesmo por lavar, marcar e estudar.

No que respeita ao Neolítico, as más escavações aliadas à insegurança da problemática não nos deram estratigrafias, mas peças avulsas identificáveis.

Desapareceu todo o material da *tholos* de Martim Afonso, no que se refere ao Calcolítico, época das mais complexas pelas numerosas culturas que abarca, muitas delas abordadas mas não estudadas.

Não possui este Museu estações ou estratigrafias do BRONZE, mas só peças avulsas. Nada possui de representativo quanto ao FERRO do Norte. O existente quanto ao Ferro do Centro e Sul carece de estudo.

Serviço educativo

Foi organizada uma Colecção Didáctica de Pré-História; foi dada assistência para legenda de diapositivos; e para explicação do material exposto. Foi proporcionada uma sala para invisuais.

Inventário

1. Estações

Considerando que o único processo de saber quais as colecções existentes é reunir todas as peças provenientes da mesma estação, este critério tem sido mantido dentro do possível, recuperando-se material dado como extraviado ao tempo, proveniente de Solettes, França (comprado por 10F). e outro material paleolítico. Idem um harpão húngaro.

Resolvi igualmente identificar as estações constantes do Inventário Antigo, o que só foi possível relativamente a algumas dezenas.

Exterior

Tenho acompanhado e orientado, na medida do possível, conforme consta dos processos, a actividade arqueológica desenvolvida no concelho de Almada.

A Conservadora

Maria Amélia Horta Pereira

NOTA DA COMISSÃO DE REDACÇÃO:

A Conservadora Dr.ª Maria Amélia Horta Pereira foi equiparada a Bolseiro do Estado para o Instituto de Pré-História e Arqueologia Medieval da Universidade de Friburgo, República Federal da Alemanha, de 1 de Julho de 1976 a 31 de Julho de 1977. sendo o seu relatório publicado no próximo número.

Lista das estações representadas

O preenchimento de fichas de conjunto para cada estação permitiu elaborar um ficheiro contendo a lista onomástica das estações representadas no Museu. A divulgação desta lista pareceu-nos útil, pelo que iniciamos no presente volume a sua publicação, principiando pelas letras A e B.

PERÍODO ROMANO

A

ABÓBADA (Quinta da — Vila Verde) / Conc. de Sintra, Dist. de Lisboa
ABOBRIZ / Conc. de Óbidos, Dist. de Leiria
ABRANTES / Conc. de Abrantes, Dist. de Santarém
AÇOREIRA / Conc. de Moncorvo, Dist. de Bragança
ALCÁCER DO SAL / Conc. de Alcácer do Sal, Dist. de Setúbal
ALCÁÇOVAS / Conc. de Évora, Dist. de Évora
ÁGUA LEVADA (Laginha) / Conc. de Mangualde, Dist. de Viseu
ÁGUAS VIVAS (Casal das) / Conc. de Alpiarça, Dist. de Santarém
ALAMO / Conc. de Alcútem, Dist. de Faro
ALCARIA / Conc. de Aljezur, Dist. de Faro
ALCOBAÇA (Herdade) / Conc. de Elvas, Dist. de Portalegre
ALDEIAS (Vinha de) / Conc. de Abrantes, Dist. de Santarém
ALDEIA DO CANAL / Conc. de Grândola, Dist. de Setúbal
ALDEIA NOVA / Conc. de Miranda do Douro, Dist. de Bragança
ALFERRAREDE / Conc. de Abrantes, Dist. de Santarém
ALGE / Conc. de Portimão, Dist. de Faro
ALJUSTREL / Conc. de Aljustrel, Dist. de Beja
ALMOÇAGEME / Conc. de Sintra, Dist. de Lisboa
ALPEDRINHA / Conc. de Fundão, Dist. de Castelo Branco
ALTER DO CHÃO / Conc. de Alter do Chão, Dist. de Portalegre
ALTO DA COSTA (Germinade) / Conc. de S. Pedro do Sul, Dist. de Viseu
ALTO DAS DUAS IGREJAS / Conc. de Arcos de Valdevez, Dist. de Viana do Castelo
ALTO DO BINCO / Conc. de Ponte de Lima, Dist. de Viana do Castelo
ALVARELOS (Castro) / Conc. de Santo Tirso, Dist. do Porto
ALVOR / Conc. de Portimão, Dist. de Faro
AMENDAL / Conc. de Faro, Dist. de Faro
AMENDOEIRA / Conc. de Macedo de Cavaleiros, Dist. de Bragança
ARAMENHA / Conc. de Marvão, Dist. de Portalegre
AMOREIRA / Conc. de Óbidos, Dist. de Leiria
AMOREIRA / Conc. de Castro Marim, Dist. de Faro
AMOREIRINHA DA TORRE / Conc. de Montemor-o-Novo, Dist. de Évora

ANTR'OS CASTROS / Conc. de Arcos de Valdevez, Dist. de Viana do Castelo
APRÁ (Morgado de) / Conc. de Loulé, Dist. de Faro
ARADOS (castro de Santiago) / Conc. de Marco de Canaveses, Dist. do Porto
ARANHA (Casal da) / Conc. de Sintra, Dist. de Lisboa
ARANHAS / Conc. de Penamacor, Dist. de Castelo Branco
ARCOS DE VALDEVEZ / Conc. de Arcos de Valdevez, Dist. de Viana do Castelo
AREIA (Quinta da) / Conc. de Sintra, Dist. de Lisboa
AREOSA / Conc. de Viana do Castelo, Dist. de Viana do Castelo
ARGAMASSA (Herdade) / Conc. de Beja, Dist. de Beja
ARMÉS / Conc. de Sintra, Dist. de Lisboa
ARNADO (Castro) / Conc. de Vinhais, Dist. de Bragança
ARNEIRO / Conc. de Ponte de Sor, Dist. de Portalegre
ARRAIOLOS / Conc. de Arraiolos, Dist. de Évora
ARRUDA DOS VINHOS / Conc. de Arruda dos Vinhos, Dist. de Lisboa
ASSUMAR / Conc. de Monforte, Dist. de Portalegre
ATAFONAS / Conc. de Évora, Dist. de Évora
ATALAIA / Conc. de Aljezur, Dist. de Faro
AVELAR (Quinta do) / Conc. de Braga, Dist. de Braga
AVENIDA RESSANO GARCIA / Conc. de Lisboa, Dist. de Lisboa
AVIS / Conc. de Avis, Dist. de Portalegre
AZARUJA (Quinta) / Conc. de Elvas, Dist. de Portalegre

B

BALDIO DE ALGALÉ(Herdade) / Conc. de Monforte, Dist. de Portalegre
BARCELOS / Conc. de Barcelos, Dist. de Braga
BARRANCO DO AZEITE / Conc. de Mértola, Dist. de Beja
BARROSAS (Monte) / Conc. de Serpa, Dist. de Beja
BARROSINHA / Conc. de Alcácer do Sal, Dist. de Setúbal
BEBA (Campos de) / Conc. de Resende, Dist. de Viseu
BEJA / Conc. de Beja, Dist. de Beja
BELAS / Conc. de Sintra, Dist. de Lisboa
BELINHO (castro) / Conc. de Esposende, Dist. de Braga
BENAVENTE / Conc. de Benavente, Dist. de Santarém
BENAVELA / Conc. de Avis, Dist. de Portalegre
BENCATEL / Conc. de Vila Viçosa, Dist. de Évora
BIAS / Conc. de Olhão, Dist. de Faro
BISCAIA (Monte) / Conc. de Nisa, Dist. de Portalegre
BOCA DO RIO / Conc. de Vila do Bispo, Dist. de Faro
BRAGA / Conc. de Braga, Dist. de Braga
BRAGANÇA (Arredores) / Concelho de Bragança, Dist. de Bragança
BRETIANDE / Conc. de Lamego, Dist. de Viseu
BUCELAS (Arredores) / Conc. de Loures, Dist. de Lisboa
BUJÕES / Conc. de Vila Real, Dist. de Vila Real
BURGAU / Conc. de Lagos, Dist. de Faro

A Conservadora

Maria Garcia Pereira Maia

ESCAVAÇÕES

Durante o ano de 1976 foi o Museu Nacional de Arqueologia chamado a desempenhar uma das funções que lhe cabem, por força da sua qualidade de Museu Nacional: a efectuação de escavações de emergência, em qualquer região do País em que se possa sentir a necessidade de tais trabalhos.

Assim, foram efectuadas escavações sob o mosaico posto fortuitamente a descoberto em Faro, com a finalidade de obter dados que permitissem precisar a sua cronologia, uma vez que as camadas arqueológicas que o antecediam tinham já anteriormente sido retiradas.

OUTRAS ACTIVIDADES

Anos 1974-1975

Arrumação e classificação, limpeza, organização e expurgo do Arquivo Documental do Museu, conforme relatório anexo.

Inventário das obras de Arte existentes no Museu: Aguarelas 4, Desenhos 36, Gravuras 41.

No Plano Geral da Reorganização das Colecções de Arqueologia:

Arrumação e início do inventário de estação das colecções algarvias da Secção Romana. Foram identificadas 93 estações com o auxílio dos inventários antigos de Estácio da Veiga e a colaboração de José Cardim Ribeiro, licenciado em História.

Ano 1976

Continuação do inventário de estações das colecções algarvias, quase concluído. As estações começadas pela letra A e B estão incluídas na lista geral alfabética de estações.

Colecções de Etnografia:

1. Inventário da Secção Colonial conforme relatório.
2. Relação das peças coloniais para tratamento e restauro.
3. Inventário da colecção etnográfica exposta: cerca de 1400 peças até à data.
4. Inventário dos instrumentos musicais existentes nas reservas de Etnografia.

RELATÓRIO SOBRE O ARQUIVO DO MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

Quando em Setembro de 1974 comecei a exercer no Museu Nacional de Arqueologia as funções de conservadora, além da tarefa que me foi confiada — estudo e a inventariação das colecções romanas do Algarve —, uma outra anónima e obscura me prendeu a atenção e preocupou o meu espírito, — a organização do arquivo do Museu — que me pareceu muito importante, dada a sua íntima articulação com as colecções arqueológicas.

O arquivo do Museu há anos que jazia como um amontoado poeirento e caótico de papéis velhos, desesperando logo à primeira tentativa de consulta qualquer investigador que pretendesse colher elementos relativos à especialidade do Museu, sua vida interna, ou às várias facetas de investigação do seu fundador.

Mal instalado e deslocado há alguns anos da biblioteca, o armário a que eufemisticamente se tem vindo a chamar *Arquivo do Museu* encontra-se colocado numa sala fronteira à secretaria, denominada Cave ou Sala Escura, onde desde 1969 está também alojado o Grupo de Estudos do Paleolítico Português e do Complexo de Arte Rupestre do Tejo.

Este Arquivo de grande riqueza e heterogeneidade constava na data a que procedi à sua reorganização de:

inúmeros documentos relativos a Arqueologia e Etnografia resultado do labor de Leite de Vasconcelos e de outros investigadores anteriores a ele, como Estácio da Veiga, Teixeira de Aragão, Pereira da Costa, Nery Delgado, Epifânio Dias, etc.

valiosos apontamentos de literatura e filologia;

documentos relativos à vida interna do Museu durante metade deste século, nomeadamente administração, contabilidade, pessoal e aquisições;

numerosíssima correspondência científica e particular de Leite de Vasconcelos e de outros investigadores;

cerca de quinhentos livros impressos;

algumas obras raras, outras clássicas de grande valor científico, evidentemente deslocadas da biblioteca;

grande quantidade de jornais de Lisboa, província e estrangeiro, contando-se alguns muito raros;

e ainda

um sem-número de manuscritos de vária espécie, alguns de grande valor histórico e artístico, nomeadamente pergaminhos iluminados do séc. XIV, comprados no espólio do leilão de Possidónio da Silva.

Mas na situação de amontoado indiscriminado de embrulhos, de centenas de papéis, documentos, cartas, manuscritos, livros, jornais, fotografias e estudos concernentes a vários investigadores que legaram a sua obra ao Museu ou que o Museu adquiriu, apesar de mais de um século da História da Arqueologia portuguesa se encontrar guardada aqui, o Arquivo tornou-se morto a revelou-se incapaz de funcionar.

A busca de um elemento acarretava automaticamente o desmanchar dos inúmeros embrulhos em que num «pêlo-mêlo» confrangedor as encontravam arrecadados os documentos. Impunha-se pois uma reestruturação total do Arquivo, com um arranjo e organização em novos moldes.

Como medida prioritária a qualquer outra, resolvi imediatamente fotografar o Arquivo antes de lhe mexer, para ficar um registo fiel do estado em que se encontrava (ver fot.). A segunda medida a adoptar foi a escolha de um colaborador.

Dada a amplitude da tarefa a empreender, e vendo a impossibilidade de a realizar sozinha quer pelo enorme esforço físico quer mental que isso exigiria, resolvi pedir a colaboração de Isabel Maria de Faria Silveira Godinho, antiga condiscípula do Curso de Conservador de Museu.

Munidas de bata branca e máscara médica, precauções indispensáveis à saúde, o trabalho foi iniciado sob a minha orientação e comportou várias etapas ou fases que se prolongaram por quatro meses, de Janeiro a Abril de 1975.

1. Abertura dos embrulhos, limpeza cuidadosa das espécies e separação dos livros impressos e manuscritos da parte documental.
2. Elaboração de um inventário dos livros impressos.
3. Classificação dos documentos segundo a sua espécie, cartas, apontamentos, relatórios, mapas, desenhos e gravuras, fotografias, notas de despesa, documentos administrativos, etc. e sua inclusão em envelopes.
Os apontamentos, relatórios, desenhos e fotografias por sua vez foram classificados por assuntos; Arqueologia, Etnografia, Numismática, História, Filologia, Literatura, etc.
No caso da Arqueologia, quando era possível, os apontamentos, notas de escavação, fotografias e outros documentos científicos foram separados por autores e atribuídos respectivamente ao seu autor.
Assim temos que da autoria ou sob a orientação de Leite de Vasconcelos existem 40 envelopes contendo apontamentos, notas, desenhos, etc., Seguimos o mesmo critério para os demais arqueólogos, Teixeira de Aragão, Pereira da Costa, Estácio da Veiga, etc.
4. Devolução à Biblioteca de cerca de 465 livros e 17 folhetos inventariados, dos jornais e dos manuscritos em livro e avulso com carácter histórico e valor de antiguidade. (ver fotocópia de inventário anexo).
5. Terminadas estas operações, procedi ao acondicionamento dos diversos sobrescritos em caixas de arquivo, formato tipo francês, azul-escuro, segundo as suas matérias.
As caixas têm rótulos em fita Dymo, indicando o seu conteúdo.
6. A correspondência científica de Leite de Vasconcelos, muito numerosa, a de Epifânio Dias, Félix Alves Pereira, Manuel Joaquim de Campos, etc., está a ser separada por anos e meses e está prevista a sua encadernação para melhor conservação do papel, mais fácil consulta, e para se evitar o seu extravio.
7. Desinfestação de toda a documentação, efectuada na Biblioteca do Museu.

Como resultado do trabalho efectuado o Arquivo do Museu especializou-se. Diminui o número dos seus materiais, com a saída dos que não lhe interessavam nem lhe pertenciam, mas adquiriu organização e possibilidade de funcionamento. Passa a contar a documentação de Arqueologia separada por autores, sem dúvida a mais numerosa e a mais importante relativamente à especialidade do Museu, e elementos de Etnografia, Numismática, Literatura, Filologia e História, correspondendo estas últimas matérias quase exclusivamente aos primórdios da actividade do Museu.

A parte antiga da administração também está representada, podendo ser consultados elementos sobre a vida do Museu, especificamente assuntos de Administração, Contabilidade, Aquisições e Pessoal desde a fundação do Museu até ao período da direcção do Dr. Manuel Heleno.

Lisboa em 20 de Dezembro de 1975.

A Conservadora

Maria Luísa Veiga Silva Pereira

Foto Novais

Este aspecto do arquivo do Museu antes da sua reorganização, em 1961, mostra a grande quantidade de documentos e papéis acumulados, muitos deles em estado de conservação precária, o que exigia uma intervenção urgente para a preservação e organização do acervo.



Aspecto do Arquivo do Museu antes da sua reorganização (Foto Novais)



Aspecto geral do Arquivo do Museu (Foto Novais)

RELATÓRIO SOBRE A SECÇÃO COLONIAL DO MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

1. Historial da Secção

A Secção Colonial também impropriamente chamada Sala Africana, do actual Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia então designado Museu Etnográfico e posteriormente Etnológico prende-se intimamente às origens desta instituição. O seu fundador, José Leite de Vasconcelos, preocupou-se extraordinariamente em recolher, conservar e expor tudo o que recordasse o vasto Império Colonial Português. A cada passo no capítulo das «Aquisições do Museu Etnológico», os vários, sobretudo os primeiros números d'*O Archeologo Português* fornecem-nos indicações sobre a aquisição por compra ou doação de espécies etnográficas africanas, e de outras colónias portuguesas de então que contribuíram para o enriquecimento do Museu do «Povo Português» segundo os conceitos etnológicos em vigor e dentro do espírito museológico da época.

A colecção colonial teve também uma finalidade comparativa com as peças pré-históricas.

Pode-se afirmar que a ele e aos seus colaboradores mais directos dos primórdios do Museu se deve a formação de uma secção colonial num museu português, embora esta não fosse a primeira, pois tanto a Academia das Ciências de Lisboa, com o seu Museu Maynense, como a Sociedade de Geografia de Lisboa possuíam já importantes núcleos de colecções exóticas, ameríndias, africanas, etc.

Esta secção colonial, que perdurou intacta quase desde a criação do Museu oferecendo ao público um curioso e pitoresco espectáculo dos costumes, tradições e crenças dos povos do Ultramar Português, foi no final dos anos 60 reduzida e por isso em parte desmembrada, para a consecução de novos arranjos museográficos das salas de arqueologia estrangeira e egípcia anexas, que beneficiaram de importantes alterações de exposição.

Para se criar espaço a fim de ser condignamente exposta a colecção egípcia, de forma a valorizá-la foi-se buscá-la à Secção Colonial, privando-a de uma sala.

Necessariamente que a redução do espaço obrigou a uma redução dos objectos em exposição. Em virtude desta redução dos objectos coloniais expostos ao público, muitos deles, senão mais de metade da sua totalidade, foram embrulhados e arrumados na Secção de Etnografia e nas reservas de Etnografia Portuguesa (1.º piso) e outras peças, sem que se saiba disso o motivo, foram ocasionalmente dispersas por vários gabinetes e lugares do Museu.

A pequena sala a que ficou reduzida a Secção Colonial com a sua colecção truncada e que vigora até ao momento, foi então reorganizada pelo Ajudante de Preparador Sr. Jaime Roldão.

Desejando o actual Director do Museu, Dr. Bairrão Oleiro, reestruturar as colecções e o seu arranjo de forma a imprimir a esta instituição uma dinâmica actual e indispensável de que ela em absoluto carecia, para assim cumprir a sua função educativa e científica, resolveu optar por um critério de qualidade. Segundo este, impunha-se uma escolha, dado o elevadíssimo número de peças que o Museu possui: ou continuar com as colecções etnográficas praticamente mortas, juntamente com as arqueológicas ou então prosseguir um novo caminho apenas com as colecções arqueológicas. Este foi o adoptado.

Assim está em projecto a separação das colecções etnográficas das arqueológicas desligando as primeiras do Museu, visto a sua pesquisa, exposição e conservação

não ser há muito tempo, nem sistemática, nem actual, nem eficiente, e o seu estudo não corresponder à formação nem à especialização dos actuais funcionários técnicos do Museu.

Num contexto destes, e por razões de segurança, grande número de peças etnográficas portuguesas e coloniais tem grande valor comercial, e estão por isso mais sujeitas a roubo, encontram-se as colecções etnográficas colonial e portuguesa deslocadas e prejudicadas no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

A melhor solução para a sua conservação e valorização será a sua integração em Museus da especialidade.

Dentro desta perspectiva inicie a conferência de inventário da Secção Colonial.

2. Processo de inventário

O primeiro passo dado no sentido da conferência da colecção colonial foi procurar qualquer registo ou ficheiro da mesma.

Não foi fácil a localização das fichas respeitantes às peças que se pretendiam conferir, há muito tempo não utilizadas, e por isso misturadas no ficheiro de Etnografia Portuguesa. Após uma procura mais minuciosa encontrei dois conjuntos distintos, um pequeno maço de fichas de papel fino, de formato rectangular numerados até ao 335 e presas com linha, e um outro grupo de fichas soltas, mais numeroso, 522, de formato mais pequeno, idêntico ao usado no ficheiro de Etnografia Portuguesa.

Igualmente foi morosa e em parte infrutífera a localização das peças dispersas.

Não consegui encontrar e portanto recuperar todas as peças espalhadas pelo Museu, embora tivesse tentado ser incansável na procura das espécies coloniais deslocadas em diversas secções como a sala da Cerâmica Portuguesa, colecção de etnografia portuguesa em exposição e em reserva, e na chamada «Sala dos Reservados», espécie de armazém de adelo onde também estive e ainda permanece parte do «Legado Leite de Vasconcelos», e ainda noutros locais indicados pelo Ajudante-Preparador do Museu Sr. Jaime Roldão (37 anos de serviço) que conhece bem todos os cantos do Museu e que colaborou activamente comigo nesta tarefa.

3. Inventário

3.1. Materiais

As peças da Secção Colonial são provenientes de várias partes do antigo Império Colonial Português¹.

Existem especímenes oriundos de *África* (Ocidental e Oriental), *Índia*, *China*, (Macau) e *Timor* mas predominam sem dúvida, as peças africanas, armas, bastões de mando, esculturas, peças de madeira, cascas de fruto e de vime.

As peças indianas e chinesas são de tipo diverso, predominando peças delicadas, objectos de adorno ou doméstico por vezes executados em metais nobres como a prata. Os objectos timorenses constituem, na sua grande maioria, peças de artesanato fabricado à base de couro, peles de outros animais, vimes e outras fibras vegetais.

¹ Não fazendo parte da secção colonial, mas constituindo uma peça exótica e rara menciono ainda uma cabeça mumificada de índio proveniente da América Central. Encontra-se em muito mau estado de conservação e dado o seu interesse etnológico seria conveniente, que beneficiasse de tratamento em oficina adequada.

3.2. Ficheiros

A colecção colonial encontra-se, como já foi dito, inventariada, mas de forma incompleta. Existem muitas peças não numeradas e sem registo em ficha.

As peças numeradas apresentam uma particularidade curiosa: um pequeno grupo que não excede o n.º 335 foi duplamente marcado, a tinta vermelha e a tinta preta com numeração distinta.

A numeração vermelha corresponde a um núcleo de fichas rectangulares de aspecto arcaico já referido, cosidas com linha e aparentemente postas fora de uso. Não ultrapassa o n.º 335.

A numeração a preto corresponde a um conjunto de fichas soltas, de menores dimensões, de formato e tipo de papel diferente das outras, manuscrita a maior parte pelo punho do próprio Dr. Leite de Vasconcelos e terminadas pelo Dr. Luís Chaves.

Este segundo inventário, muito mais completo que o primeiro, fornece dimensões e proveniências, intitulado em ficha separada — Catálogo da Secção Colonial —, contém por sua vez uma duplicação de numeração, os números 478 a 480 por evidente lapso, foram repetidos. Entendi não dever fazer a correcção da numeração; no entanto não quis deixar de anotar a repetição. Neste caso as peças existentes inventariadas não são, na realidade 522, mas sim 529. Há ainda outra particularidade a registar: a ficha 189 tem a anotação a tinta feita pelo Dr. Luís Chaves indicando que a peça descrita «não se pode considerar colonial, mas deve ser incluída na Etnografia Portuguesa».

A duplicação da numeração das peças e a existência de dois catálogos similares parecem poder interpretar-se como uma primeira inventariação de um núcleo colonial muito reduzido e muito antigo, só contava 335 peças marcadas a vermelho; com a sua ampliação, em vez de prosseguirem a mesma numeração, procederam a nova inventariação, recomeçando a marcação das peças a partir do n.º 1 a tinta preta. Esta interpretação parece ser correcta visto as peças duplamente numeradas corresponderem às descrições dos diferentes catálogos.

4. Conservação

O contacto directo e diário por mais de um mês com as peças coloniais, a que a conferência de inventário me obrigou, deu-me uma visão pessimista do seu estado de conservação, justificação plena para a transferência da colecção para local onde possa ser tratada e condignamente conservada.

Os materiais orgânicos, como por exemplo a *madeira* utilizada nos bastões, estatuetas, travesseiros, vasos africanos, etc., apresentam numerosas fendas, falhas, picado e galerias provocadas por insectos.

O *couro* que reveste algumas espécies está igualmente muito atacado, nalguns casos praticamente desfeito como, por exemplo, nos cabos e bainhas de punhais, polvarinhos, colares mágicos, tampos de tambores, etc.

As cascas de frutos (coco e outros) utilizadas na confecção de colheres cuíás, cabaças estão profundamente atacadas por insectos que lhes provocam picado e galerias contribuindo rapidamente para a sua destruição.

Os vimes e fibras vegetais estão razoavelmente conservados, tendo em vista diversos cestos, pratos, chinelos, barretes, etc.

O marfim, a madre pérola, o algodão, a seda, as conchas (contas de colar) e o vidro encontram-se em regular estado de conservação.

Quanto aos *materiais inorgânicos*, metais e pedra, nota-se quanto aos primeiros, sobretudo o *ferro* das lanças, azagaias, machados, espadas, punhais, etc., adiantado grau de oxidação.

A *prata* e o *bronze* utilizados pelos artífices indianos revelam ligeira oxidação. A *pedra* pouco frequente nesta colecção, destaco duas placas indianas, esculpturadas, está atacada na peça n.º 252, baixo-relevo imperfeito de uma divindade hindu.

Eis a rápida e incompleta apreciação que me foi possível fazer acerca da conservação das peças coloniais.

Não sendo especialista de etnografia colonial nem de conservação, nada mais acrescento a este relatório, num capítulo tão delicado como o da conservação das espécies.

5. Conclusões

O balanço de perdas e danos que a conferência do Inventário da Secção Colonial permitiu averiguar é considerável.

Faltam cerca de 125 peças inventariadas, respectivamente os n.ºs, 1, 4, 5, 6, 8, 11, 12, 16, 25, 28, 33, 36, 72, 92, 93, 95, 99, 100, 101, 102, 103, 106, 108, 112, 114, 115, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 132, 135, 136, 137, 138, 142, 143, 144, 145, 153, 154, 155, 159, 160, 161, 166, 167, 175, 181, 182, 183, 185, 187, 191, 194, 200, 208, 212, 218, 225, 226, 230, 232, 243, 250, 263, 264, 271, 282, 295, 300, 307, 311, 312, 313, 319, 325, 330, 327, 328, 331, 336, 337, 340, 341, 345, 346, 356, 361, 372, 379, 380, 384, 388, 389, 390, 391, 392, 403, 406, 440, 464, 474, 477, 479, 482, 485, 486, 487, 479, 480, 488, 489, 498, 499, 500, 501, 504, 507, 509, 520.

O desaparecimento do n.º 160, uma escultura de ébano que representa uma divindade africana, peça que estava em exposição, é de recente data, pois figura ainda numa fotografia* da vitrina n.º 103, do Álbum Fotográfico do Museu, executada em fins de 1974.

Dado o precário estado de conservação de muitas peças, apelo para a necessidade urgente de tratamento, pelo menos uma desinfestação imediata, que carecem as peças executadas em materiais orgânicos, sobretudo madeira, couro e outras peles, que podem de forma irremediável destruir-se e eventualmente contaminarem outros materiais do Museu.

Lisboa, 22 de Janeiro de 1976.

A Conservadora

Maria Luísa Veiga Silva Pereira

* Tchibinda Illug

A BIBLIOTECA DO MUSEU

Apesar do encerramento do Museu, a Biblioteca manteve-se em funcionamento, quer no que respeita ao público externo, quer no apoio à investigação interna do Museu, não se tendo notado qualquer quebra significativa no número de leitores. A fim de se poder formular uma apreciação do movimento da Biblioteca, referiremos alguns dados estatísticos que lhe respeitam, e referentes ao ano de 1966:

Número de leitores: 204

Número de documentos consultados: 272

Número de livros e revistas entrados: 173

Ainda no decurso de 1976 foi concluída a organização da Biblioteca, segundo o Sistema Decimal Universal, com estantes classificadas. Não tem acesso directo do leitor à estante.

Esta biblioteca é constituída pelos seguintes núcleos:

- Monografias
- Publicações periódicas
- Separatas
- Espécies menores
- Informações da Imprensa
- Livros raros
- Manuscritos
- Mapas.

O ano de 1976 foi dedicado, sem prejuízo de permanente actualização, à organização das espécies menores.

OFICINA DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Criada em fins de 1970 teve como objectivo essencial, a conservação e restauro dos materiais arqueológicos existentes no Museu. Ao procurar-se sistematizar esse trabalho de recuperação, foi posto em prática um esquema de prioridades:

1. Peças em adiantado estado de degradação, exigindo um tratamento imediato.
2. Limpeza, tratamento e consolidação sistemática dos materiais, por estações, de forma a permitir a sua inventariação e consequente estudo.

Teve-se igualmente em atenção as prioridades científicas dos investigadores, pois na maior parte dos casos não lhes seria possível fazer uma leitura correcta dos materiais em estudo.

Paralelamente, e sempre que solicitado, foi possível alargar o apoio técnico da oficina a escavações efectuadas no Sul do País, permitindo recuperar e estabilizar materiais arqueológicos que se perderiam a curto prazo.

Embora não possuindo ainda todo o equipamento necessário, a oficina tem conseguido, ao longo destes anos, adquirir algumas unidades essenciais às mais modernas técnicas de conservação. A sua intervenção tem-se limitado a assegurar a resistência dos materiais, consolidando mais do que refazendo, utilizando nesse trabalho produtos já suficientemente experimentados e cuja reversibilidade pode permitir em qualquer momento a sua substituição, em conformidade com os directrizes do ICOM. É possível tratar, neste momento, objectos arqueológicos ou não, de qualquer época, feitos de pedra, osso, marfim, vidro, cerâmica e metal.

O pessoal que trabalha na oficina (infelizmente duas pessoas, dada a exiguidade das instalações — e aqui torna-se necessário chamar a atenção para a urgência de novas instalações que permitam um alargamento do quadro de pessoal, a utilização de aparelhagem que neste local não é possível pôr em funcionamento, e um consequente aumento da rendibilidade do serviço) tem procurado superar as deficiências e carências apontadas, «les connaissances et l'expérience acquises au cours des années important-elles plus que l'équipement»¹ e, apenas esquematicamente pode ser apresentada uma listagem de estações já tratadas ou em fase de acabamento:

Alto das Bocas — apenas se encontra ainda em tratamento um pequeno núcleo de bronzes:

Vaiamente — em fase de acabamento. Iniciado o tratamento dos ferros.

Torre de Palma — é possível consultar os vários gavetões (cerca de 200) e estudar os respectivos materiais que já se encontram tratados, com excepção dos ferros cujo tratamento só agora foi possível iniciar.

Tróia — Cerâmica e lucernas, osso, bronzes (não concluído).

Silveirona e Alandroal — Cerâmicas e alguns bronzes.

Balsa — Início do seu tratamento sistemático.

Pragança — Bronzes.

Gruta da Galinha — Tratamento total da estação.

Não se torna necessário alongar a seca enumeração dos trabalhos efectuados. O que parece, no entanto, importante nesta breve nota é a própria notícia da existência de um serviço, as suas carências e possibilidades, a sua metodologia.

As Técnicas

Maria Elisabeth Cabral
Maria Luísa Abreu Nunes

O SERVIÇO DE EDUCAÇÃO

Se pensarmos que os Museus, na actualidade, só cumprem cabalmente a sua missão colocando-se ao serviço do público, temos de enfrentar concretamente quais os públicos que o utilizam e qual a melhor forma de os «servir».

O Museu de Arqueologia tem procurado responder às necessidades do público escolar, e outros através do seu Serviço de Educação. É este composto por monitores inteiramente dedicados à tarefa de facilitar a ligação entre os grupos e os objectos do Museu, à sua descoberta e interpretação. Procuram os monitores igualmente estabelecer a ponte entre investigação e informação, dar a cada grupo a resposta oportuna que seja também ponto de partida para nova descoberta.

Nesta perspectiva de trabalho a actividade do Serviço de Educação durante os últimos anos tem sido:

1. Visitas

1.1. Visitas orientadas a crianças de todas as idades escolares, desde a infantil ao último ano do liceu, com especial incidência até 1976 para o ciclo preparatório e em 1977 para o 7.º e 8.º anos de escolaridade obrigatória.

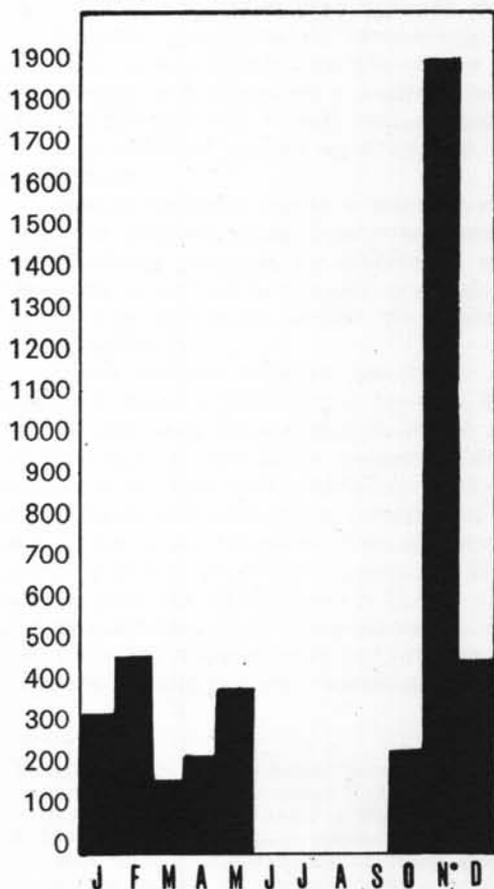
1.2. Visitas a adultos, curso de formação do pessoal dos C.T.T., Escola da Armada, Comandos, Escolas Agrícolas, Guias-intérpretes.

1.3. Visitas a alunos de escolas de «arte e decoração». Estas visitas obrigaram as monitoras a encarar o Museu não só como um Museu de História mas também como um Museu de Forma, um Museu onde a forma e os materiais vivem em relação mais pura com o homem e a vida.

¹ Unesco — La préservation des biens culturels, *Musées et Monuments*, XI, Suisse, 1969, p. 86.

- 1.4. Visitas a crianças e a adultos deficientes, principalmente invisuais. Esta tarefa, além de exigir da parte do pessoal do Serviço de Educação uma preparação específica muito cuidada e um contacto aprofundado com os professores antecedendo as visitas, levou à organização de uma pequena colecção de peças representativas dos períodos compreendidos entre a Pré-História e a época romana inclusive, colecção essa organizada com o apoio do pessoal técnico do Museu.
2. Além do trabalho atrás referido tem o serviço tentado satisfazer, ainda que modestamente, alguns dos objectivos de há muito.
 - 2.1. Trabalho continuado com professores, principalmente os do ensino primário.
 - 2.2. Trabalho continuado com grupos de jovens, visando exposições ou outras actividades que beneficiem um colectivo.

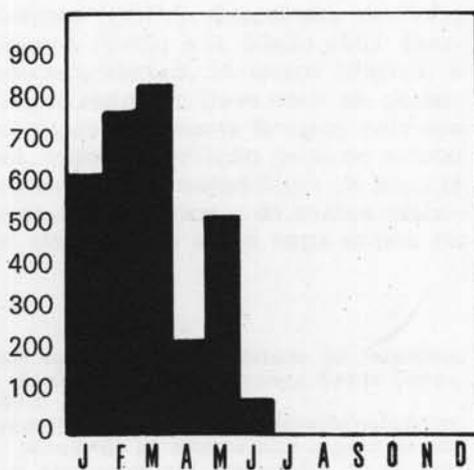
GRÁFICOS REFERENTES AOS VISITANTES ATENDIDOS NOS ÚLTIMOS 3 ANOS LECTIVOS PELO SERVIÇO DE EDUCAÇÃO



ANO LECTIVO DE 1976



ANO LECTIVO DE 1975



ANO LECTIVO DE 1977

* O aumento de visitas durante o mês de Novembro resultou de um trabalho feito em colaboração com as escolas da área do Museu, trabalho esse em que as monitoras do Serviço de Educação se deslocaram com uma pequena colecção de «slides» às escolas, o que motivou posteriormente a vinda dos alunos ao Museu

